

**Organizadora**  
Priscila Monteiro

## **Trocando histórias**



FALE/UFMG  
Belo Horizonte  
2011

**Diretor da Faculdade de Letras**

Luiz Francisco Dias

**Vice-Diretora**

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

**Comissão editorial**

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

**Preparação de originais**

Priscila Monteiro

**Diagramação**

Priscila Justina

**Revisão de provas**

Priscila Monteiro

Tatiana Chanoca

**Endereço para correspondência**

FALE/UFMG – Laboratório de Edição

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3409-6072

*e-mail*: revisores.fale@gmail.com

*site*: www.lettras.ufmg.br/labed

# Sumário

## 7 Foi um acontecido...

### Causos no interior

#### 13 No ano de 1973...

Lúcia de Fatima C. Zenili

#### 15 O que aconteceu comigo foi no interior, lá na Zona da Mata...

Mario da Silva

#### 17 Aventura de criança

Solange Nunes

### Causos na cidade

#### 21 Sonho realizado

Genésio Fernandes da Cruz e Souza

#### 23 Querendo viajar

Carmen Lúcia de Oliveira

#### 25 O que uma mãe não faz por um filho

Lidianora Dutra de Jesus

#### 27 Vizinho abelhudo

Marina Simões dos Santos Amaral

## **Histórias de amor**

**31 A minha vitória**

Flávia P. Azevedo

**33 Dia especial**

Maria Aparecida Santiago

## **Histórias de trabalho**

**37 Minha vida profissional**

Ana Maria da Silva Ferreira

**39 Uma parte da minha história**

Maria Zélia dos Santos Braz

## **Lições e aprendizados de vida**

**45 Meu pai já estava quase aos oitenta anos...**

Bethy Ramos

**47 Marcou**

Fátima Lopes

**49 O tropeiro**

Gessi Izidoro

**51 História**

Maria Moura

**53 História de superação  
e a recuperação do meu irmão**

Regina Celia Magalhães Pinto

## **Infância ou Lá em casa era assim...**

**57 Foi aos quinze anos de idade que tomei  
uma decisão: viver longe dos meus pais**

Gildete Pereira Xavier

**59 Recordação**

Paulo José Francisco Filho

**61 A menina ingênua**

Marcilene Souza

**63 Realidade**

Marília Gomes Silva Carneiro

**65 Mentira tem perna curta**

Rita Inês Sena da Silva

## **Prosas guardadas**

**69 O ladrão de galinhas**

Rita Inês Sena da Silva

**71 O bailarino e a boneca**

Rita Inês Sena da Silva

## **Posfácio**

**75 Trocando impressões**

Marcelo Castro

## Foi um acontecido...

Tudo que o que está neste livro foi um acontecido... mas também pode ter sido inventado!

Este livro é resultado do projeto de estágio que propus para turma 71 de iniciantes da Educação de Jovens e Adultos do PROEF II, no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2011/2. Utilizamos três aulas para contação de histórias orais que, posteriormente, virariam narrativas escritas pelos mesmos contadores. Os alunos ficaram livres para pensar e escolher qual história contar na aula seguinte; a orientação pedia que fosse escolhido um momento da vida que os tivesse marcado. Este foi o único critério.

*Trocando histórias* é a reunião destes textos orais que migraram para textos escritos nas aulas seguintes. Pouca intervenção foi feita nas produções, salvo alguma correção ortográfica, sintática e de pontuação. O material digitado procurou respeitar os originais dos autores. O livro é fruto das habilidades narrativas da turma, que prontamente acolheu a proposta e se dispôs a fazer parte deste que é também meu projeto de vida. O título da obra foi proposta pelos alunos e escolhido através de votação na aula de conclusão do projeto.

Narradores de histórias curtas, outras mais longas; mães corujas, homens valentes; questionamentos sobre as coincidências da vida, denúncias sobre condições de trabalho; uma aquisição, uma superação, um trauma, um acidente, uma surpresa; gente que no passado sofreu e que agora, com o olhar maduro e sereno de quem tem confiança de que o

tempo irá passar e que isso pode ser muito bom, compartilham com seus colegas e também com seus leitores histórias que marcaram suas vidas. Narradores tímidos também se mostram receosos com a escrita, mas não deixam de se manifestar. O cuidado com o texto escrito inicia na capa, com a paragrafação, com a caligrafia caprichosa que mostramos aqui em alguns fac-símiles em miniatura ao final.

Recursos sofisticados como o de dirigir-se ao leitor, o uso de saltos temporais, estrutura de diálogo com ortografia simulando fala e marcação de tempo e espaço são algumas das formas usadas com base no empirismo de cada um, que é, ao meu ver, desde o ponto de partida, um possível narrador. Se as condições de estudo lhes foram negadas na época regular, a imposição do mundo não lhes fez aprender menos. *Trocando histórias* é um livro-documento para que cada um dos alunos lembre e saiba da importância de valorizar suas próprias histórias, suas lutas pessoais, seus sonhos de meninice.

Sobre a estrutura do livro, cabe dizer que possui as seguintes seções, organizadas por autor em ordem alfabética: "Causos no interior", "Causos na cidade", "Histórias de amor", "Lições e aprendizados de vida", "Infância ou Lá em casa era assim..." e "Prosas guardadas". Sobre esta última, um esclarecimento: os alunos foram convidados a trazerem textos que tivessem escrito e gostariam de compartilhar, mesmo que não contados em aula, para lançá-los nesta publicação de forma inédita. Apenas uma aluna motivou-se com a proposta; para ela, foi aberta esta seção, que contém dois textos seus. O cuidado da autora com a disposição das palavras na página foi mantido nesta transposição para livro.

Agradeço profundamente aos alunos, por terem cooperado com seus talentos para este projeto. A eles (e a todos os estudantes da Educação de Jovens e Adultos) fica expresso meu grande respeito por suas trajetórias e força de vontade. Obrigada por terem querido trocar comigo as suas histórias! Agradeço também ao Centro Pedagógico, pela acolhida da proposta. Ao professor regente da disciplina de Português, Prof. Marcelo Castro, que confiou desde o princípio na minha ideia; obrigada, também, pelas conversas sobre nossa condição de docentes-graduandos. Professor Marcelo é o autor do pós-facio de *Trocando histórias*,

fazendo considerações sobre a turma durante a prática do projeto e sua experiência como observador.

Aos meus orientadores de estágio na Faculdade de Educação, professores Maria Zélia Versiani Machado e Gilcinei Teodoro, obrigada por aceitarem meu projeto megalomaniaco, que desde o Sul carrego comigo, esperando uma oportunidade de prática. À professora Sônia Queiroz, meu especial agradecimento por confiar no meu trabalho e por disponibilizar o Laboratório de Edição da Faculdade de Letras para execução deste livro. Aos meus colegas de trabalho, por compartilharem comigo as expectativas; à minha família e amigos, por acreditarem na minha vinda para esta terra mineira.

Dedico a força deste livro, no que diz respeito ao meu trabalho como idealizadora e organizadora, para meu avô, que aprendeu a ler quando adulto e nunca esteve na escola. Ele foi um grande contador de histórias de vida e de trabalho, sem, por outro lado, nunca ter tomado conhecimento desta habilidade.

Boa leitura!

*Priscila Monteiro*



**Causos no interior**

## No ano de 1973...

Lúcia de Fatima C. Zenili

...eu tinha onze anos e morava em uma cidadezinha do interior chamada de Vila Mãe do Rio, no estado do Pará, com aproximadamente dez mil habitantes. Lá, todos os anos, os moradores fazem festejos a São Francisco de Assis. O povo ficava todo muito empolgado, pois como na maioria das cidades do interior, lá não tinha muito o que fazer, e as novenas a São Francisco de Assis eram o acontecimento do ano na cidade.

Tinha barraquinhas de comidas típicas, jogos e muitos brinquedos. No meio desses brinquedos, eu me apaixonei pelo carrossel, pois nunca eu tinha visto um. Era diferente de todos os outros brinquedos e me chamou atenção. Além de ser diferente, ele era o mais caro. Como eu só tinha dinheiro para rodar uma vez e nunca tinha visto aquilo, comprei meu bilhete. Quando sentei, achei uma maravilha, pois eu via as coisas passando depressa por mim o tempo todo. Quando ele parou, eu fiquei quieta sentadinha no meu lugar e não descí. Começou a rodar outra vez e outra, até rodar cinco vezes. Eu já estava meio vesga, com os olhos atravessados, tudo rodando em minha volta, minha cabeça girava, o estômago revirava. Quando descí, perguntei para o dono do carrossel:

— Onde fica minha casa?

— Eu não onde você mora!

— Eu não sei mais onde eu moro, porque está tudo rodando. Vou ficar aqui parada esperando minha casa passar para eu entrar.

Gente, eu só sei que fiquei tão bêbada que não aguentava ficar em pé. Tentei ficar de pé por várias vezes e caí em todas as tentativas: era

como se eu tivesse bebido todas e mais um pouco. A cabeça rodava, o estômago revirava... Só sei que nunca mais eu quis rodar em carrossel. Fiquei traumatizada: foi uma das piores experiências da minha vida!

## **O que aconteceu comigo foi no interior, lá na Zona da Mata...**

Mario da Silva

Belo dia de domingo fui convidado por meu amigo para nós irmos tomar banho na cachoeira, mas foi por Enrique, que parecia que não sabia nadar.

O rio estava com raça. A água na beirada era funda. No meio, era rasa. Eu avisei que se acontecesse alguma coisa, eu não podia ajudar, porque senão morriam os dois.

Então, mesmo assim, ele pulou para ver se alcançava o meio do rio, mas não alcançou o banco de areia.

No momento que ele pulou, já foi puxado pela água abaixo, se debatendo com as mãos, pedindo socorro. E eu não podia fazer nada! Me desesperei e falei ali: "Esse vai morrer na água!"

Mas depois daquele momento (que demorou muito pra passar) que ele muito se debateu, ele alcançou um galho e conseguiu sair! Eu fiquei muito feliz e ajudei ele a sair da água. Coitado, barriga cheia d'água... Mais dois, três quilômetros pra chegar em casa caminhando...

Hoje ele é um grande nadador. Nunca mais ele passou por uma situação dessas, graças a Deus!

# Aventura de criança

Solange Nunes

Há muito tempo, em uma cidade do interior, saía sempre para passear uma turma de crianças para um campo de futebol que ficava perto de sua casa. Um dia, uma destas crianças levou com ela sua irmã mais nova, que tinha apenas cinco anos.

Quando estavam voltando para casa, havia um córrego para atravessar. Quando todas estavam atravessando, a mais nova pulou e caiu no córrego e afundou. Todas as crianças começaram a gritar apavoradas! Foi um desespero!

Depois de um tempo, ela levantou o braço e a irmã que a tinha levado puxou-a pelo braço rápido, com força. Ela foi salva de ter morrido afogada e seu corpo poderia ter caído em um moinho, sendo todo triturado.

Essa criança era eu!

## **Causos na cidade**

# Sonho realizado

Genésio Fernandes da Cruz e Souza

Por motivo de não ser reconhecido o meu trabalho com a família no interior, resolvi mudar para cidade. Decidi sair da roça para a cidade em busca de um futuro melhor.

Comecei a trabalhar de ajudante de caminhão em um laticínio, ganhando 50% de um salário, com muito interesse de aprender a dirigir caminhão. Em um mês, eu já estava dirigindo para todo lado.

No mesmo laticínio, tinha uma mulher que também transportava leite para o mesmo lugar. Como tinha seu próprio veículo, às vezes ela me tratava com desigualdade. Depois de um bom tempo, ela mudou para Belo Horizonte. Uns dois anos depois, eu também vim.

Comecei a trabalhar com trator, depois fui promovido para motorista de caminhão. Ganhei um bom dinheiro, resolvi comprar um lote.

Fui com o corretor no local de um lote, só que quando cheguei...

Lá ele me disse que tinha vendido um lote para uma mulher do interior. Daí perguntei:

— Qual interior?

Ele disse:

— Coluna.

Voltei a perguntar:

— Qual é o nome dela?

— Jussara.

Eu disse:

— Conheço. Não quero mais o lote, muito obrigado.

Não quis porque era do lado desta mulher que me conhecia e sempre me tratou com desigualdade. Só que este corretor se desentendeu com os proprietários deste lote, daí os proprietários decidiram passar para outro corretor.

Quando foi dias depois, um colega meu trouxe um cartão de um corretor, seu cunhado, e me deu. E disse:

— Eu vou falar com ele para arrumar um lote bacana pra você!

Só que quando me levou para ver o lote, era o mesmo lote que eu já tinha visto antes!

Decidi ficar com o lote e estou feliz. Construí minha casa melhor do que a da minha conterrânea!



# Querendo viajar

Carmen Lúcia de Oliveira

Vou contar minha história!

Sempre vou para casa de minha mãe. Vou com minha irmã mais nova, é ela que dirige: ela é muito cautelosa e sempre evita alta velocidade. Minha irmã, desde que tem carro, tem responsabilidade com a vida. Quando que ela carrega a mais, eu não me conformo com a velocidade que ela roda.

Ela é muito calma para dirigir. Ela fala que 80 ou 100km/h está bom demais! E antes de sair de casa, sempre fazemos uma oração para pedir a proteção do pai celestial, que nos leva e nos traz de volta para o nosso lar.

As estradas são muito bonitas e tem muitas curvas. Eu gosto mais quando chegamos no traço reto. Quando eu viajo e quero chegar mais rápido, eu começo a cantar as músicas do Roberto Carlos, para ela aumentar a velocidade. Sempre começo com "as curvas de Santos", música da estrada de Santos. Aí ela vai até 120km/h, enfim!

# O que uma mãe não faz por um filho

Lidianora Dutra de Jesus

Eu tenho uma história pequena:

Quando o meu filho mais novo nasceu, precisei levá-lo ao posto de saúde para pesar e tomar as vacinas.

Ele era muito pesado quando pequeno e até hoje. Eu que era um graveto de tão magra, e ainda estava amamentando!

O local que nós íamos era um pouco longe da minha casa. O caminho era meio acidentado. Tinha que passar por cima de um bueiro e atravessar a linha de ferro.

E aí eu passei na beirada do bueiro e pisei em falso e caí lá dentro e não consegui ficar de pé porque dentro do bueiro era escorregadio. Na hora em que eu caí, bati a cabeça, as costas e machuquei o braço.

O menino não teve bem um arranhão: quando caí, coloquei ele em cima da minha barriga. Foi tão rápido que não sei como eu consegui defender ele da queda!

Hoje ele é um rapaz forte, é o maior da casa. Às vezes nós lembramos este dia e rimos muito! Mas eu só sei que foi por pouco: nós dois teríamos ido parar no rio Arrudas, porque o esgoto que passava lá ia direto para o rio Arrudas.

Nós voltamos para nossa casa e eu dei um belo banho nele e eu tomei também e o resto ficou tudo bem!

# Vizinho abelhudo

Marina Simões dos Santos Amaral

Mudei-me do interior de Minas (cidade de Barbacena) para Belo Horizonte. Minha mudança veio na frente e depois de uma semana, eu cheguei aqui. Meus dois filhos que já se encontravam aqui receberam a mudança com a ajuda de seus primos, que também já moravam em BH.

Meu filho mais moço, desde criança, tem o apelido de Boca (por possuir uma boca grande). O Boca passou no vestibular e resolveu fazer um churrasco para comemorar. Chamou os primos para festa e todos fizeram muita farra. Essa algazarra causou um certo incômodo ao vizinho do lado, que ficou preocupado com o movimento de rapazes (filhos e primos) que entravam e saíam de minha casa. Logo começou a dizer para sua esposa que achava que minha casa seria uma república de rapazes. Ele chegou a essa conclusão porque os dias que antecederam ao churrasco foram marcados pela visita, em minha casa, de sobrinhos, que juntamente com meus filhos, sempre faziam muita festa.

Meu vizinho, todos os dias, ficava sentado na varanda de sua casa, tomando sol. A parede da varanda da casa dele dá para a parede da varanda da minha casa, e com isso, ele começou a prestar atenção em nossas conversas. Para piorar a situação, ele começou a anotar tudo o que escutava, pois julgava que minha casa seria uma boca de fumo por escutar a todo momento meu filho mais velho e meu sobrinho chamarem meu filho mais novo de Boca. Todos os que chegavam em minha casa apertavam o interfone e diziam:

— Abre aí, Boca!

Para completar toda essa brincadeira, quando meus filhos iam ao supermercado, eu pedia para eles não esquecerem o pó (pó de café). Também havia um pé de fumo em meu quintal e eu dizia para meus filhos, quando iam limpar o quintal, que podiam cortar tudo, menos o pé de fumo. Além disso, meu filho mais velho tem uma moto e sai quase toda hora com ela com uma mochila nas costas. Meu vizinho, que até então observava e anotava tudo o que via e ouvia em minha casa, deduziu que meu filho saía de moto para entregar “o pó” e que a senha para entrar em minha casa e comprar a droga seria falar “boca” no interfone. Ele achou que éramos traficantes, ficou tão apavorado que contou para sua esposa.

Com o passar do tempo, conheci minha vizinha e ela percebeu que seu marido estava errado, então resolveu me mostrar as anotações que ele havia feito e me contou tudo o que ele achava que acontecia em minha casa. Aí, eu contei toda a verdade para ela, a história do Boca (o apelido do meu filho mais novo), a história do pó e a história do pé de fumo. Então ela percebeu que tudo não passava de um mal entendido e começamos a rir da situação. Ela descobriu que somos pessoas de bem. Meus filhos nunca fumaram nem cigarro!

## **Histórias de amor**

# A minha vitória

Flávia P. Azevedo

Quando eu tinha dezoito anos, eu fiquei grávida.

Então depois que eu fiquei grávida, eu achava que nunca mais ia me casar, porque eu morava no interior, que se localiza em uma fazenda na cidade de Moeda.

Quando eu disse para o meu pai que estava grávida, ele ficou muito bravo.

Nesta fazenda, eu trabalhava como boia-fria.

Num belo dia, chegou um homem que foi levar um avião nesta fazenda. Eu fiquei apaixonada na primeira vez que o vi!

Então quando eu vi este homem, eu disse para minha amiga Lili:

—Lili, eu vou me casar com este homem!

E ela me disse:

— Você acha que ele vai te querê?

Então eu disse:

— É verdade, ele é muito enjoado! – mas falei com aquela confiança que tudo ia dar certo e eu iria me casar com ele.

Então num belo dia eu estava trabalhando, plantando cana, e ele me trouxe um buquê de rosas e me disse:

— Quer namorá comigo?

Então eu respondi:

— Claro que sim!

Depois daquele dia, começamos a namorar.

Num belo dia, fui sair com ele à noite, quando cheguei em casa meu pai disse:

—Pode ir embora daqui!

Fui expulsa de casa e eu não podia levar meu filho, primeiro porque meu pai não deixou e outra porque eu só sai com a roupa do corpo.

Então meu filho me rejeitava e meu pai ficou sem conversar comigo. Meu anjo, que é meu esposo, o Léo, me disse:

— Na rua você não fica! Vem morá em minha casa.

Mas a gente só tinha um mês de namoro e tinha se visto só dois meses!

Então foi a minha vitória: ele me levou para morar na casa dele e até hoje estamos juntos. Temos uma filha de sete anos que se chama Nádia. E no dia de hoje somos muito felizes!

# **Dia especial**

Maria Aparecida Santiago

No meu aniversário de trinta e nove anos, meus filhos fizeram uma festa surpresa para mim. Eu adorei!

Sempre no dia do meu aniversário sou acordada com beijos, abraços e café da manhã. Porém, neste dia não foi assim: acordei e ninguém falou nada, nem meu marido e nem meus filhos. Fiquei chateada. Foram para a escola e meu marido foi trabalhar e nada de parabéns, somente alguns amigos me ligaram.

Que dia mais chato! Pensei: "Meus filhos não lembraram do meu aniversário!" O dia passou.

Quando foi a noite, fiz o jantar e achei que talvez, quando estivessemos à mesa, eles se lembrassem... Que nada! Nem um comentário sequer sobre o assunto... Que tristeza, "deixei de ser importante para eles", pensei comigo.

Quando terminamos o jantar, eu sentei e estava vendo novela, foi quando meu filho Philippe me disse: "Mãe, estão te chamando lá na garagem!" Fui ver e quase morri de susto. Não é que estavam todos lá?!

Cheguei e começaram a cantar parabéns! Família, amigos, vizinhos... todos reunidos para celebrar o meu dia! Bolo, churrasco, tudo que eu tinha direito.

Fiquei muito feliz, foi maravilhoso este dia!



## **Histórias de trabalho**

# Minha vida profissional

Ana Maria da Silva Ferreira

Minha vida profissional começou quando eu tinha onze anos. Eu já sabia matar galinhas, então, na cabeça de minha mãe, já podia trabalhar.

Lá em casa passávamos por grandes dificuldades, fui trabalhar com Dona Adeene. Depois da escola ia para casa dela, e o pagamento era um tabuleiro de bolo todo domingo.

Depois fui trabalhar na casa de Dona América, lá eu fazia de tudo e cuidava de cinco crianças. Minha patroa gostava de mim, mas eu não gostava dela, porque na casa tinham duas geladeiras e uma ficava no quarto dela: nessa ficavam as delícias... Um final de semana ela fez torta de amendoim e deu-me só um pedacinho bem pequeno, eu pensei: "É a sobremesa que servem no céu!"

Eu era muito nova, não aguentei tanto trabalho e fui trabalhar na casa de Dona Egtel. Ah, caí no céu! Lá também tinham cinco filhos, cada um mais educado do que o outro, geladeira enorme, cozinha com muita fartura e muitas delícias. Ninguém vigiava nada, pelo contrário: minha patroa mandava os empregados comerem a vontade.

Depois eles mudaram da Pampulha e eu não quis ir, porque estava namorando.

Fui, então, trabalhar como embaladora na fábrica de biscoitos. Depois de três anos, o dono da fábrica demitiu várias moças e, entre elas, eu.

Fui trabalhar em uma conservadora de limpeza que chamava Limpel. Fui prestar serviços em uma faculdade que se chama UNA (União de Negócios

e Administração). Eu limpava salas de aula. Um dia houve um roubo (dinheiro) e foi provado que foram os vigias que também eram da Limpel.

O Departamento Pessoal chamou-me. No Departamento Pessoal da UNA, contaram-me tudo e perguntaram-me se eu queria sair da Limpel e ir trabalhar lá. Eu aceitei, conversei com a Limpel, eles liberaram-me e eu fui limpar a UNA sendo funcionária já da UNA. Com um certo tempo tiraram-me de limpar salas e passaram-me para limpar os escritórios. Com seis meses, convidaram-me para fazer um teste como telefonista. Fui. Minha prima que mora em São Paulo ensinou-me a não perguntar assim:

— Quem quer falar com o Dr. Honório?

E sim:

— A quem devo anunciar?

Foi um sucesso!

Depois de seis meses promoveram-me para secretária da biblioteca. Eu tinha uma certa rejeição por ela, porque, quando eu era faxineira, ia limpar a Biblioteca e ela ficava lá mexendo com uns papéis, e eu imaginava que ela ficava lá para eu não roubar nenhum livro. Não era nada disso, coisa da minha cabeça.

Fui para a Biblioteca e no primeiro dia chorei muito! Porque era muita informação sofisticada e eu pensei que minha inteligência não dava para tantas informações sem eu ter estudo.

No segundo dia fui melhor, e aí fui aprendendo por etapas.

Rose era a chefe geral da Biblioteca. Um amor, caridosa, carinhosa, chique! Rose só mandava, Márcia era sub-chefe, foi ela que ensinou-me tudo, ela também boníssima, paciente, calma... Ambas com lisura de comportamento.

Márcia falou:

— Cada semana você vai aprender um trabalho.

O primeiro que aprendi foi fazer empréstimos e devoluções. Aprendi fazer registro das obras, indexação de periódicos em ficha Kardex, aprendi pesquisas em C.L.T., códigos, *Vade mecum*, aprendi a consultar a C.D.U., que é um livro com a classificação dos livros, quer dizer, o endereço dos livros nas estantes. Aprendi a fazer processamento técnico dos livros nas estantes e tudo que o auxiliar faz.

É muito bom trabalhar em biblioteca! Trabalhei até me aposentar!

# Uma parte da minha história

Maria Zélia dos Santos Braz

Em 1953, os meus pais se casaram. Minha mãe tinha quinze anos na época.

Eles tiveram sete filhos, eu (Zélia), sou a primogênita da família. Isso não quer dizer que é um orgulho ser mais velha, e sim ter responsabilidade muito cedo.

Aos dez anos, eu já tomava conta dos meus irmãos para os meus pais trabalharem fora de casa. Quando fiz doze anos, minha mãe arranhou um trabalho para mim: eu iria olhar uma garotinha de cinco anos de nome Lídia e seu irmão Gessé, de apenas dez meses.

Eu estudava na parte da manhã e à tarde ia trabalhar na casa desta família. Minha irmã que era apenas dois anos mais nova que eu, já então com dez anos, ficava com meus irmãos.

Nesta época (na década de 1960), as crianças que trabalhavam em casa de família não ganhavam um centavo em dinheiro e sim algumas roupas, sabonetes ou brinquedos muito baratos. E este tipo de trabalho era sempre perto de casa, pois todos os vizinhos queriam ter uma criança lhes servindo, só para dizer que tinha uma empregada doméstica.

O pagamento era uma fraude, porém o trabalho era de verdade. Só os adultos recebiam dinheiro em troca de seus serviços.

Trabalhei em várias casas de família, só que nunca deixei de sonhar: sempre queria estudar, a minha vida inteira e ser alguém na vida. Eu tinha quatro sonhos que não me largavam de jeito nenhum: ser

professora, cabeleireira, viúva e trabalhar em uma loja de livros (que hoje seria ser uma bibliotecária).

Quando terminei o quarto ano, eu falei com minha mãe que queria continuar meus estudos (na época, após o término do quarto ano, teria que sair da escola e ir para outra, e fazer um ano de admissão e só depois ir para o quinto ano). Meus pais não permitiram que eu continuasse a estudar porque teria que trabalhar para ajudar em casa.

Não aceitei os argumentos deles e fui na escola me matricular para o próximo ano. Porém, chegando lá, a moça que me atendeu disse que eu precisava de todos os documentos e a assinatura do pai ou da mãe. Ela só pegou o meu nome completo.

Os meus pais jamais voltariam atrás, mas mesmo assim, eu tentei argumentar com eles dizendo que se eu estudasse, eu teria uma ótima profissão, ganharia muito dinheiro e daria de volta muita riqueza a eles.

Meu pai, então, me disse:

— Zélia, os seus sonhos são lindos, porém o que importa agora é o presente, e o presente nos diz que precisamos trabalhar muito, em tempo integral.

Lá se foram os meus sonhos!

Aos quinze anos, trabalhei em uma fábrica de produção de roupinhas de bebê, e esta fábrica era muito longe de casa. Eu saía de madrugada e chegava só à noite (estudar nem pensar).

Quando fiz dezessete anos, o meu vizinho me avisou que estava abrindo uma metalúrgica de fazer cadeiras de praia. Fui mais que depressa, pois esta fábrica era mais perto (só precisava tomar dois ônibus). Consegui a vaga de aprendiz (quem sabe daria para eu estudar!).

Mas como aprendi rapidamente a passar fitas nas cadeiras de praia, fui logo para a linha de produção. Como a palavra já diz, “produção”: eu trabalhava de sol a sol, sábados, domingos e feriados para dar conta de cento e cinquenta cadeiras ao dia. E estudar que é bom, nada.

Foi nesta firma que conheci meu marido e pai dos meus três filhos: Luciana, Ellen e Valmir. Meu marido era machista ao extremo, não deixava eu trabalhar e nem estudar.

Uma pequena parte do meu sonho em ser professora eu realizei, que foi alfabetizar meus próprios filhos. Comprei lousa, cadernos, lápis de

cor, borracha, lápis preto etc. E todos os dias eu dava aula para eles de, pelo menos, duas horas ao dia.

Eu me sentia orgulhosa daqueles pequenos seres aprendendo a ler e escrever comigo, e eles gostavam das aulas! Na hora do recreio, que acontecia após as aulas, eu fazia uma chuva de balas e pequenos docinhos e eles adoravam!

Quando entraram na escola, já estavam aptos a continuar os estudos. Nenhum deles me deu dor de cabeça na escola, pelo contrário: nas reuniões de pais (eu não faltava nenhuma) era só elogio e nada de reclamações.

Dos três filhos, só uma tem formação universitária: ela se formou em Veterinária. A outra só fez o segundo grau, porém é uma empresária bem-sucedida. E o meu filho é uma bênção na minha vida, não quis estudar, só tem o segundo grau. Ele é superinteligente, mas só faz pequenos cursos de jardinagens, que é a área dele. Gostaria que fizesse uma faculdade de paisagismo, porém ele diz que não tem paciência de ficar ouvindo a aula correr em sala. Enfim, ele não gosta de estudar, mas me dá a maior força, me incentiva e me ajuda nos estudos.

Hoje estou com cinquenta e quatro anos. Sou mãe, avó, viúva e estudante da UFMG. Estou correndo atrás do tempo que ficou perdido lá longe, bem longe, mas com a mesma garra de quando tinha quatorze anos, só com uma diferença: agora sou dona dos meus próprios atos!

## **Lições e aprendizados de vida**

## **Meu pai já estava quase aos oitenta anos...**

Bethy Ramos

...quando começou a sentir mal do intestino. Logo teve a primeira pneumonia. Antes ele frequentava bailes, tinha namoradas. Era conhecido nas casas noturnas que frequentava com o apelido de "O homem do sapato branco".

Preocupada, levei-o ao médico de minha confiança. Depois de vários exames com resultados normais, sugeri ao meu amigo fazer o teste do HIV. Ele resistiu, mas devida minha insistência, fez o pedido. Não deu outro: o resultado deu positivo.

Com o resultado em mãos, fui ao serviço geral de doenças sexualmente transmissíveis da SESMG (Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais). Meu motivo era alertar ao órgão que até aquela data o índice de falecimento das pessoas idosas com pneumonia e desinteria. poderia ser HIV.

Deu resultado minha alerta, porque ao acompanhar meu pai, que viveu quase dez anos tomando coquetel do Hospital Eduardo Menezes, pude ver, conversar com vários pacientes, senhoras, senhores novos e mais velhos que estavam ali procurando alívio, já que cura não tinha.



# **Marcou**

Fátima Lopes

Tenho momentos felizes, tristes, marcantes. Dois deles marcaram minha vida: o nascimento dos meus filhos. Quando eu tinha vinte e um anos, nasceu Catherine, minha flor. Quase dez anos depois veio o Júnior, meu menino. Momentos jamais esquecidos, únicos. Minha menina, meu garoto. Meus amores. Meu orgulho.

# O tropeiro

Gessi Izidoro

Um tropeiro vivia trabalhando, transportando carvão de cidade em cidade, para sobrevivência de sua família.

Era tudo muito difícil para ele, mas não desanimava: tinha muita fé em Deus. O seu trabalho era e foi joia, por quê? Seu alimento e de sua família vinha do transporte de carvão nos lombos dos seus burros.

O tropeiro tinha oito filhos menores para serem alimentados por suas mãos. Eram muito difíceis as suas vidas!

Um dia seu filho falou:

— Pai, gosto muito do senhor.

Seu pai parou e perguntou:

— Por que diz estas palavras?

O filho respondeu:

— Pai, eu vou embora para cidade.

O tropeiro perguntou:

— Por que? Aqui tem tudo para nós!

O filho falou:

— Pai, o senhor trabalha muito para cuidar de nós.

O filho foi para a cidade, trabalhou muito. Mas pouco acrescentou em comparação com seus burros e outros animais e terras que tinham. O filho voltou para sua casa triste.

Fim

# História

Maria Moura

Então, como eu havia contado uma das minhas histórias para os meus colegas, é simplesmente assim: como eu estava em um período difícil, eu tive ajuda de uma advogada, e hoje somos como mãe e filha!

É uma amizade que é, graças a Deus, muito boa! E por ela ter me pedido para voltar a estudar, para eu ter um futuro melhor, eu voltei devido a este conselho. Eu resolvi voltar a estudar por intermédio dela.

É por este motivo que eu estou aqui, para chegar aonde eu quero chegar. Se for da vontade de Deus, quero fazer Direito, Advocacia. Com a ajuda de Deus, em primeiro lugar, e com ajuda dos meus professores também.

E essa é uma das Minhas Histórias!

# História de superação e a recuperação do meu irmão

Regina Celia Magalhães Pinto

A minha história está baseada em um fato que aconteceu com o meu irmão caçula.

Bom, tudo começou lá pela década de 1980. Somos seis irmãos. Nessa época, eu tinha doze anos e o meu irmão estava com cinco anos. Minha mãe não trabalhava fora, então tinha tempo para olhar os meus irmãos.

Nesse dia, estava tudo bem na minha casa. Como eu não estudava na parte da manhã, minha mãe ficava com os menores. Até que um dos meus irmãos viu uma lagarta no quintal de casa. Só que ele não se contentou em só brincar com o bicho, ele queria algo mais interessante.

Então, foi aí que aconteceu tudo: meu irmão subiu em cima do tanque, pegou álcool e o fósforo sem minha mãe saber.

Foi aquela tragédia: meu irmão caçula se queimou, a garrafa de álcool explodiu e foi parar no seu corpo. Foi uma cena horrível: seu corpo estava em carne viva, pois a minha mãe tinha colocado ele debaixo do chuveiro e sua pele foi saindo do seu corpo.

Sofremos muito com o que aconteceu com o meu irmão, pois ele era o caçula dos homens.

Meu irmão ficou internado no hospital por mais de três anos. Mal podia receber visita. Segundo minha mãe, meu irmão gritava de dor. Era uma dor tremenda para minha mãe, vi quando fui visitá-la no hospital. Minha mãe chorava muito.

Quando o hospital liberou a visita, eu fui. Chorei muito pela cena que eu vi: lá estava meu irmão todo enfaixado em um quarto onde ele ficava isolado das pessoas para não pegar uma infecção hospitalar.

Ele fez várias cirurgias plásticas no seu corpo. Hoje ele superou essa tragédia, está casado e feliz, pois vai ser pai, seu primeiro filho.

**Infância ou  
Lá em casa era assim...**

## **Foi aos quinze anos de idade que tomei uma decisão: viver longe dos meus pais**

Gildete Pereira Xavier

Na primeira semana de janeiro, uma segunda-feira pela manhã, peguei minhas roupas para lavar, quando esbarrei em minha irmã. Ela começou a chorar. Minha mãe teria ido socorrer uma tia. Meu pai, na sala, estava a assobiar. Tiniram as argolas de areia.

Eu saí a mil. Passei por baixo de uma cerca e consegui me distanciar dele. Às vezes, eu olhava para trás: se meu pai me alcançasse, ele me matava. Na mão dele estava um facão que só ele usava e onde pegava, um pedaço arrancava.

Consegui me distanciar dele. Num brejo, me escondi. Por pouco, não me afogava em uma catra. Passei o dia em uma mata no alto de uma montanha. Quando a sede apertava, eu descia. De lá, avistava todas as casas dos meus parentes e a minha. Meu pai logo avisou todo o acontecido e à tarde todos estavam me procurando. Eu via toda a movimentação. Até minha bisa se pos a rezar.

Ao anoitecer, me aproximei da casa, com medo, ao mesmo tempo, da situação. Me escondi em um bananal. Meu pai deixou a porta aberta. Entrei, comi, dormi na sala. Ao amanhecer, me escondi novamente e assim se foram duas semanas.

Meu pai viajou. Chegou em casa uma senhora de Teófilo Otoni me convidando para trabalhar. Minha mãe vendo que eu estava disposta em deixá-los, me disse: "Você vai ficar longe de sua mãe e dos seus irmãos". Eu disse: "Fala com meu pai para aceitar, pois se não deixar, eu vou ir com a Dona Conceição. Vou fugir! Nunca mais quero ver vocês!"

19 de janeiro de 1974. Minha mãe ficou triste.  
Passado um ano, voltei para vê-la.  
Aos dezoito anos, janeiro de 1977, cheguei em Belo Horizonte.  
ESSA É A MINHA HISTÓRIA.



# Recordação

Paulo José Francisco Filho

A vida da gente é marcada por vários acontecimentos, positivos e negativos.

Me lembro de um momento que realmente marcou minha vida! Eu haveria de ter aproximadamente uns doze anos de idade, quando brincava com os amigos de futebol na Rua Dialogita no bairro Santa Efigênia.

Morava nessa rua um senhor chamado Frank. Ele gostava muito de crianças e no decorrer das brincadeiras, que eram sempre em frente à casa desse senhor, ele nos chamava para fazer um lanche: o prazer dele era ver as crianças felizes.

Mas um certo dia, esse senhor adoeceu e veio a falecer. A garotada entrou em luto, a alegria da criançada já não era a mesma.

O tempo passou. A sua esposa, dona Teresa, mudou-se para São Paulo.

Realmente essa família marcou não somente a minha vida, mas a vida de todos aqueles amigos de infância.

Enquanto eu viver, não vou esquecer esse casal:  
senhor Frank e dona Teresa.

Um casal cheio do verdadeiro  
Amor!

Fim

# A menina ingênua

Marcilene Souza

Uma história que muito me marcou foi quando eu era ainda “criança” mais ou menos. Eu estava com doze anos e minha mãe estava grávida de meu irmão caçula.

O engraçado é que eu não imaginava que minha mãe estava grávida.

Em um domingo à tarde, estava brincando com minhas colegas de queimada na rua. Tive vontade de tomar água e fui até a minha casa. Quando cheguei, minha mãe estava pronta para ir ao hospital, e eu fiquei assustada com aquela cena, pois a minha mãe teve nove filhos, quase que um por ano, mas nunca comentava o assunto perto de nós, eu e meus dois irmãos mais novos que eu.

Quando vi aquela situação, fiquei muito triste e também com vergonha de minha mãe, pois ela já estava mais velha e ia ter bebê. Chorei muito, não saberia designar se era ciúmes, revolta... fiquei sem entender. Mas o fato é que fiquei sem falar com minha mãe por um longo tempo.

Meu pai, percebendo aquela situação, falou para mim que não ia deixar o bebê dormir no quarto deles, que ia colocá-lo embaixo da cama. Vocês acreditam que aquela fala dele me confortou e eu acreditei e depois até passei a olhar para meu irmão? Mas sempre fui muito implicante com ele, sempre o criticava.

O bom foi que tudo isso passou e hoje somos bem próximos. Ele está com trinta e dois anos, está casado e já tem um filho, que por sinal eu amo muito!

Essa é uma história que sempre me lembro e conto.

# Realidade

Marília Gomes Silva Carneiro

Na minha casa nós morávamos, no bairro Baronesa, meu pai, minha madrasta e minhas irmãs.

Eu me chamo Marília, só que meu apelido em casa é Xica. O da minha irmã Renata é Tininha, o da Mariza é Lulu; minha irmã caçula é a Rejane. Ela que nos entregou, minhas outras irmãs e eu, que estávamos fazendo arte na pracinha onde tinha um parque bem simples.

A vizinha do meu pai trabalhava em casa de família e eu pedi para trabalhar também, pois eu queria ficar livre da minha madrasta, porque ela era muito má para nós, principalmente para mim, que não era filha dela. Eu passava a semana trabalhando. Final de semana eu ia para casa. A gente se arrumava toda para ir ao parque simples, mas que era o maior divertimento nosso da época.

Em um dia, conhecemos um rapaz, que deu três beijinhos no meu rosto e no das minhas outras duas irmãs. Minha irmã caçula, quando chegamos em casa, contou tudo para meu pai, que ficou muito bravo com a gente, e ficou esperando quando estivessemos as três juntas para chamar nossa atenção. Nós íamos apanhar muito!

Como eu e minha irmã trabalhávamos na semana, a gente marcava de nunca estar juntas todas as três em casa, para o pai não conseguir chamar nossa atenção nunca. Mas foi passando o tempo e ele foi ficando mais bravo, percebendo que a gente se combinava.

Um dia, não teve jeito: pai decidiu avisar que ia chamar atenção nossa uma por uma e depois, noutro dia, de todas nós juntas. Não deu para escapar!

# Mentira tem perna curta

Rita Inês Sena da Silva

Eu nasci em Capelinha/MG e morei neste lugar até os quatorze anos. Morávamos na roça e plantava-se de tudo, inclusive o fumo. Para preparar o tabaco, que é feito da folha do fumo, tem uma certa ciência. Reúne-se muitas pessoas para trabalhar na preparação do tabaco.

Eu tinha onze anos, quando numa dessas feitas, meu pai me mandou na casa do Seu Joaquim Cardozo, para avisá-lo que no dia seguinte iria iniciar a feita do tabaco. O Seu Joaquim com seus filhos, sempre trabalhava conosco e era uma pessoa atenciosa com as crianças, ele e toda a sua família eram muito atenciosos.

Com uma recepção tão calorosa, eu esqueci de dar o recado. Como era domingo, demorei um pouco mais e cheguei em casa à tardinha, quase à noite, ao chegar meu pai me perguntou:

— Deu o recado?

Só então que eu lembrei: esqueci de dar o recado... mas respondi firme:

— Sim, pai, dei o recado. Seu Joaquim falou que amanhã eles vão chegar cedo.

Não contei para ninguém que eu tinha esquecido o recado. Durante a noite, fiquei pensando o que iria fazer para não ser castigada, isto é, apanhar muito! Antes do dia amanhecer, no finalzinho da madrugada, acordei minha irmã e disse:

— Esqueci de dar o recado a Seu Joaquim, não conta ninguém, vou lá agora dar o recado!

E saí correndo. Dei o recado e voltei antes de meus pais acordarem e isso que Seu Joaquim morava longe, quase dois quilômetros de distância!

Quando começamos a trabalhar, eu ficava sempre perto de Seu Joaquim e meu pai, para vigiar.

Bem mais tarde, depois do almoço, Seu Joaquim falou:

— Você deixa pra me avisar na última hora! A Rita chegou lá em casa hoje pra dar o recado, o dia estava clareando, ainda bem que ela não tem medo.

Meu pai fez uma cara de espanto e respondeu a Seu Joaquim:

— Mas eu mandei a Rita dar o recado foi ontem à tarde – e olhou para mim com os olhos brilhando de raiva!

Seu Joaquim entendeu e disse:

— Mas você não vai bater na Rita, porque ontem ela esqueceu de dar o recado, mas hoje cedo, ela cumpriu a missão – e olhou muito sério para meu pai.

Só assim, Seu Joaquim me livrou de uma grande surra. Com isto eu aprendi a lição: mentira tem a pena curta.

Se eu tivesse contado a seu Joaquim que eu tinha esquecido o recado, ele não teria contado para meu pai. Ou se eu tivesse falado a verdade para meu pai, a surra que ele iria dar em mim, não teria doído tanto!

Como doeu a vergonha que eu passei.

## **Prosas guardadas**

# O ladrão de galinhas

Rita Inês Sena da Silva

Lá na granja do Osvaldo, o meu amigo Matias disse que tinha um lobisomem que dava a noite, aparecia.

No falar nessa imagem, muita gente de coragem batia a porta e corria.

Vicentão então falou que ninguém fizesse fogo: esperassem o lobisomem no jirau, em cima do toco e ficassem de olhos acesos que esse bicho ia ser preso nas unhas desses caboclos.

Regulando a meia noite, o tal bicho foi chegando com o seu couro nas costas. O nome dele é Peneirano.

Ajuntaram ele de pau, lá em cima do jirau, e o tal ficou roncando.

Mais de quinhentas galinhas ele roubou e vendeu, disse que era lobisomem, mas quebraram o encanto seu.

Hoje vivem sossegados, o tal bicho encantado nunca mais apareceu.



# O bailarino e a boneca

Rita Inês Sena da Silva

Na porta de uma loja, o bailarino e a boneca fazem a sua encenação.  
A boneca é dançarina e os pés do cavalheiro ligados aos seus pés estão.

Ele tomando-a em seus braços,  
dança ao som de qualquer canção.  
O bailarino com a boneca em seus braços, dança como ele quer.  
A boneca é bonita e perfeita,  
até parece uma mulher.  
O bailarino, conduzindo a boneca,  
dança o tempo todo sem parar,  
e a boneca o acompanha,  
passo a passo sem errar.  
No meio daquela dança,  
a boneca vira a cabeça para trás,  
como se pedisse um carinho.  
O bailarino tomando-a em seus braços,  
a aconchega em seu peito  
abraçando-a devagarinho.

Agora em passos de bolero, o bailarino atentamente segurando a boneca, vai conduzindo a sua dança, e a boneca graciosa, como se fosse uma dançarina o acompanha passo a passo, encostando a

cabeça, deitando-a devagarinho em seu ombro, sugerindo um abraço. Ao fim desse espetáculo, ouve-se aplausos de muita gente, e perguntas ao bailarino: Que dia dançará novamente?

## **Posfácio**

# Trocando impressões

Marcelo Castro

Este livro é resultado do projeto desenvolvido por Priscila Monteiro, durante seu período de estágio, e foi construído a partir do relevante envolvimento dos alunos e motivação da regente mencionada.

O compartilhamento oral das histórias realizado em sala de aula pelos educandos, cujas trajetórias de vida e experiências são diversas, despertaram sentimentos e emoções em todos os envolvidos no projeto. Além disso, muitos alunos disseram, durante ou depois das aulas, já terem vivenciado ou escutado por outrem narrativas semelhantes às contadas. Isso me levou a perceber que muitos deles, ao ouvirem as histórias que naquele momento passaram a pertencer à coletividade, buscaram associá-las ou incluí-las a outras da subjetividade.

Dessa forma, houve uma enriquecedora *troca de histórias* que estão registradas nesta obra, mas também uma aprendizagem no que diz respeito aos conhecimentos que foram trabalhados, como as marcas e os vários recursos da modalidade oral e escrita da língua.

**Publicações Viva Voz  
de interesse para a área de estudos literários**

**Diante da lei  
uma experiência em Teoria da Literatura**

Nabil Araújo (Org.)

**Histórias de sabidos**

Sônia Queiroz (Org.)

**Narrativas da ditadura militar**

Vera Casa Nova (Org.)

**O derramado**

Hugo Achugar

As edições Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica  
no site: [www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)

Este livro é resultado de trabalho realizado na disciplina de Análise da Prática Pedagógica de Língua Portuguesa – Estágio I, ministrada pelos professores Maria Zélia Versiani Machado e Gilcinei Teodoro, no segundo semestre de 2011. Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m<sup>2</sup> (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.